

paysagens da nossa terra: é longe d'essas paisagens que formaram o nosso coração, fallando-lhe por essas mil vozes que sobem mansamente de toda a Natureza, que a patria apparece, mais linda e mais radiante chamando por nós constantemente, por nós que a ouvimos sempre com os olhos molhados de lagrimas.

Nunca Sciapio viu tão nitidamente a encantadora grandeza épica de Roma, como quando do exílio, amargurado de saudades, lhe chamava ingrata. A graça brilhante da França, o seu perfil audacioso de corajosa e de inspirada, nunca ninguem o viu melhor, nas suas linhas energicas e brilhantes, do que Napoleão das praias da Santa Helena e Victor dos rochedos de Guarnesey.

Do exílio é que Garrett vê mais profundamente a enternecida graça, a amavel doçura, a doce galanteria de esta linda terra portugueza, a mais linda de todas as terras, porque, quando no exílio chorava saudosamente, as lagrimas, que vinham do coração, mostravam-lhe a patria como ella estava dentro d'elle.

Mal pensavam os que obrigaram Garrett a exilar se que esse homem extraordinario, levava consigo a alma da patria, e que essa alma, amargurada lá fora, havia ne honra os, exprimindo a sua dôr, porque pode dizer-se que uma das maiores glorias do absolutismo portuguez, é ter contribuido, expulsando Garrett, para o resurgimento da epopêa nacional, que morrera com Camões e que ressuscitou ainda, com a evocação do seu nome, no poema de Garrett, Como—Sr. Presidente, minhas senhoras e meus senhores—é assombrosamente difficil descrever uma floresta immensa onde todas as vegetações se entrelaçam e onde todas as florescencias abrem, é tambem assombrosamente difficil dar uma impressão, ainda que ligeira, de um espirito, onde as manifestações mais variadas se accentuaram radiosamente, d'um espirito onde todas as flores da Arte abriram luxuosamente as petalas de oiro.

Como posso eu, pois, sem recursos, mostrar vos bem o que foi o espirito, a alma d'esse homem, essa alma que não foi apenas a d'um poeta de genio, mas que foi—minhas senhoras e meus senhores— a alma d'uma patria inteira?

O espirito que corre a obra de Garrett, sente a impressão fulminadora de assombro de quem atravessa uma cordilheira immensa: vê cumes por todos os lados! Foi grande como poeta, foi fulgurante como orador, foi brilhante e fino como stylistista e foi immenso como dramaturgo: o seu espirito era como as nebulosas... desfazia-se em astros.

Fallemos primeiro do poeta. A sua lyra fez-se da nossa emoção: as cordas que tinha foram arrancadas do coração de Portugal e por isso souberam dizer toda a nossa doçura imaginosa de meridionaes, toda a nossa audacia enternecida de aventureiros e de sonhadores, toda a galanteria amavel, toda a sentimentalidade commovente e passional que temos, toda a nossa arrebatada phantasia, todo o nosso dormente desanimo: a saudade amarga do passado: o desconsolo triste do presente e ancia de incerteza do futuro. Essa lyra teve a nossa commoção, exprimiu o nosso amor, sentiu a nossa saudade e chorou—minhas senhoras e meus senhores—as nossas lagrimas.

Leopardi disse apenas o desconsolo tragico d'uma alma: Mueset contou somente a ternura, a ancia, a tristeza, a desesperança e a amargura d'um sentimento, mas Garrett disse todas as emoções e exprimiu todos os sentimentos, porque a sua voz era a nossa voz: a voz doce, amavel e suave de Portugal.

Maior do que elle, no romantismo, como poeta, só houve Byron que foi a voz, crispada de vertigens, d'um seculo e Victor Hugo que foi a voz immensa e clamorosa da humanidade.

No Camões e na D. Branca, Garrett traça o aspecto aventureiro, sentimental e épico da nossa raça e no Romancero recolhe a poesia tradicional das xacaras, essa lympa sentimental que borbulhava da alma do povo, sempre doce, sempre comm vida e sempre creadora.

E tudo fulge, tudo se incendeia de gloria ao sopro do seu genio: os versos riscam traços de oiro como as estrelas: as estrophas abrem clareiras de luz como as alvoradas, e, no meio d'essa luz, a patria falla, a patria ama, a patria sofre, a patria chora, a patria, renascida e gloriosa, palpita e vive.

Como orador, Garrett foi a voz arrebatada e chammejante que allucinava as almas, voz que atirava chuveiros de perolas, que agitava, que fulgia, voz immensa e suavissima, que era uma espada e que era um affago: que tinha vagalhões de eloquencia, violentos e demolidores e tinha maviosidades idyllicas de sonho, emballadoras e cariciosas.

Tempestuava umas vezes, gritante de audaciosas coleras, grandiosamente sublime, ardoendo em fulgencias extranhas de brilho, abrindo luminosos golpes e arrastando na sua impetuosa vibratissima os corações que escrivava: murmura outras vezes, desdobrando as phrases com uma galanteria suave e madrigalesca e talhando os periodos como se lapidasse pedras preciosas.

Era chuveiros de luz, catadupas hilariantes de côr, abrindo girandolas de imagens, rajadas illuminadas de eloquencia que desenhavam epopeas e cahiam sobre as almas como uma batêga phosphorescente de estrelas.

Era todas as vozes da Natureza, fundidas n'uma só voz, todos os murmúrios velludosos e embriagantes, todos os gritos violentos e impetuosos, todas as queixas, todas as soluções, todas as vibrações, tudo isso que compõe a harmonia colossal da Vida: tudo isso que Deus reparou pelo campo, pelo mar, pelos arroyos, pelos arvores e pelos corações: tudo isso que vibrou na palavra de Demosthenes e que scintillou no verbo de Cicero, que incendiou a voz de Mirabeau, que decorou a voz de Pitt, que rugiu na palavra de Vergniaud e de Danton: tudo isso que palpitou, mergulhado n'um veu azulado de incenso, na eloquencia sagrada de Bossuet: tudo isso que tempestuou na voz impetuosa de José Estevão e que enfeitou e engrandeceu o verbo radiante de Castellar: tudo isso, enfim, que uma palavra deve ter para marcar um orador de genio.

Mas Garrett—sr. presidente—minhas senhoras e meus senhores, não foi apenas o poeta que cinzelava as estro-

phes com a sublime grandeza de quem talha marmores immortaes e com a elevação fecunda que desdobra e cria mundos de sentimento: Garrett não foi apenas o orador fulgente que tinha algemas de seda para prender os corações: foi ainda, foi acima de tudo isto o dramaturgo gigantesco, que resurgiu, quasi milagrosamente, para uma apoteose radiantissima de gloria, um theatro que morrera obscuro o pobre.

Marcam essa ressureição o *Alfageme de Santarem*, a *Sobrinha do Marquez* e sobretudo, esse empolgante, esse titanico e assombroso *Frei Luiz*, que foi a maior criação do seu genio, a vibração mais alta e mais commovida da sua alma, que foi, minhas senhoras e meus senhores, um vôo para cima das estrellas.

As figuras moldam se vigoramente: ressaltam na limpidez translucida do estylo que lhe côrta em bronze as linhas dolorosas: a Dôr crista-se em certas paginas, violenta e tempestuosa: o Amor vaa n'outras, arrastando grinaldas irisadas de sonhos e constellações luciolantes de esperanças e a Desgraça esquece se afinal, tragica como um desabamento: passa em lufadas a treva da amargura sobre as almas e no meio d'essa treva—minhas senhoras e meus senhores—a orchestra agoniada dos soluços desdobra-se em dolorosas sonatas de lagrimas.

Obra immensa, obra eterna, obra tão gigantesca é essa que o ergueu para o lado de Eschylo e de Shakspeare, isto é, que o pôz na constellação mais alta dos genios da humanidade.

São necessarios seculos muitas vezes para que uma literatura dramatica atinja uma culminancia: é necessario accumular o trabalho e o genio de muitas gerações para erguer gloriosamente um theatro e esse homem extranho e gigantesco fez n'um instante o que muitos homens só conseguem fazer em muitos annos.

Como stylistista, suavizou, coloriu, dulcificou e encheu d'uma frescura voluptuosa e moça a nossa lingua que ganhara a rigidez do bronze na pena de Herculano e que devia mais tarde, tornar se impetuosa, estrallean te, nervosamente vibratil e agil na prosa de Camillo e firme, impressionista, exacta e rythmicamente plastica, com uma pureza clara de marmores, no estylo nitido, sóbrio e impecavel de Eça de Queiroz.

Basta ler as *Viagens na minha terra* para que essa suavidade branda e fresca da linguagem nos empolgue e nos encante, borbubando facil, eia da graça fina e meiga de Portugal, d'essa graça que, forma da alegria e da bondade, d'esse risonho encanto que a Natureza só tem para a nossa patria, para esta linda e amavel terra de sonhos, de lendas e de paixões.

Num grande espirito, todos os aspectos, ainda aqueles que, possam parecer banaes preciosos, ou mesmo ridiculos, tem para o seu perfil moral e intellectual um interesse veementissimo.

A critica como modernamente se comprehende, como o profundo Saint Beuve e o brilhante Taine a tracejaram, deve attender, relacionar e deduzir as influencias reciprocas de todos os elementos, porque é da multiplicidade variada dos aspectos que sae niuda, a synthese psychologica d'um temperamento.

Analysemos agora o Garrett dandy, o Garrett elegante e aprimorado, essa figura excepcional de galanteador brilhante, cujas linhas delicadas decoraram e amaram os corações femininos e romanescos do seu tempo.

A elegancia—Sr. presidente, minhas senhoras e meus senhores—esse espirito superior do bom gosto, essa graça fina e singular da *toilette*, é muitas vezes um aspecto artistico curiosissimo.

E' claro que me não quero referir á pretenciosa exhibição ridicula e extravagante de *toilettes* sem inventiva e sem gosto, copiadas servilmente, dia a dia, dos figurinos de Paris ou de Londres, que são a maior parte das vezes apenas o cartaz enbocado e amaneirado que annuncia a insignificancia de certos espiritos cuja area intellectual não vae alem da habilidade preciosa de escolher gravatas exquisitas.

A elegancia a que me refiro, a elegancia que teve Garrett, é o fino, o especial, o delicado gosto da *toilette* sempre variada e sempre distincta, estabelecendo a harmonia rutila das côres e a impecavel perfeição das linhas, essa intensa comprehensão dos mais pequeninos elementos decorativos.

A moda, comprehendida e erguida assim, representa a esthetica dos trages, a arte complexa, um pouco fatua e um pouco amaneirada, da *toilette*.

Garrett teve—Sr. presidente, minhas senhoras e meus senhores—a intuição aguda de tudo isso: quiz ser extremamente brilhante e variado, como o seu espirito e con seguiu-o, salutando assim a sua figura do ridiculo de que quizeram cercal e afirmando a distinctamente n'um meio e n'uma epocha em que a elegancia sabia manter se entre nós n'uma esfera alta de bom senso e de bom gosto.

Na historia a elegancia faz muitas vezes o brilho de uma epocha: Madame de Pompadour, por exemplo, encheu o seu seculo com a luz aprimorada da sua gentileza.

Em Garrett esse gosto subtil da elegancia, inspirava-se na adoração immensa, adoração que o seu coração fragil e romanescos teve sempre pela figura que a Natureza encheu de mais graça, de mais delicadeza e de mais distinctão: a figura doce, carinhosa, amavel e fina da mulher.

Eu guardei—minhas senhoras—propositadamente para o fim, a evocação das figuras femininas da sua obra, tão carinhosamente talhadas, creadas com uma ardente paixão e com um enternecimento veementissimo, figuras lyricas de sonho subtis como aromas, desenhadas com a graça e com a frescura d'um lyrismo passional e meigo, que passam nas paginas dos seus livros, amando, soffrendo e chorando, como uma revoada luminosa de chimeras.

Evoco as para as fazer passar deante dos vossos espiritos: evoco a Maria do *Frei Luiz*, a pallida Maria dos grandes olhos negros e brilhantes—negros como a sua desgraça e brilhantes como o seu espirito agudo de inspirada— a suave Maria flor triste de infortunios que tombou como um lyrio franzino na cova, crestada pelas geadas agrestes da desventura. Evoco a assustada Magdalenina, a do grande amor sacrificado por uma sombra que se

levanta d'entre as sombras mortuarias. Evoco a Joanninha dos olhos verdes que semeavam esperanças, a Joanninha scismadora do Valle de Santarem, amiga dos rouxinos. Evoco a pura e celeste Adosinda «da côr singela da rosa que ao pé do rio nasceu»—como diz o poeta— a Adosinda em que seu pae D. Sisnando, na loucura criminosa d'um grande amor violento e incestuoso, queria seduzir, a Adosinda afflicta que clamava desgrenhadamente por entre lagrimas:

Anjos do Ceu accudi-me
Valei-me sanctos do Ceu
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

Recordo-a soluçando desgrenhadamente nos paços de Landim: recordo a presa sete annos e um dia, sem agua nem pão, na torre do Castello: recordo-a subindo ao Ceu, pura e linda, quando as portas se quebram á voz do ermitão que chega e D. Sisnando—o criminoso pae— que tombára como morto ressuscitou para uma vida dilacerante de remorsos, vida tão cruel que como diz a lenda, ainda á meia noite nos paços de Landim, se ouve uma voz gritar e e gemer a pedir perdão bradando:

«Essa voz diziam todos
Que era a voz de D. Sisnando.»

Evoco a bella Violante, a linda infiel que accendia a luz na setteira do Castello para guiar a barca do cavalleiro Bernal, seu amante. Lembro aquella noite tremenda em que o marido se fingiu aquelle cavalleiro e ouviu da bocca d'ella a confissão ingenua d' seu crime. Relembro essa luz que se apagou com a sua vida quando a sua linda cabeça de estouvada tombou sob o cutello. Recordo essa barca perdida em busca da luz que nunca palpitará, como uma palpebra luminosa entre a orbita das setteiras. Rememoro os lamentos do amante sobre a sua campa bradando:

Abre te oh campa sagrada
Abre-te a um infeliz
Seremos na morte unidos
Já que em vida o Ceu não quiz

E' mesmo da escuridão tragica do tumulo, Violante, cujo amor não morrera com ella, dizia

Bocca com que te beijava,
Já não tem sabor em si
Coração com que te amava
Ai! só n'esse não morri!

Evoco a branca infante Rosalinda, clara como um nenuphar, que o conde almirante captivo, quando passava na sua galera real, com moiros a remar e lindas captivas dançando á pôpa; Rosalinda que essa galera levou tambem, mas captiva d'amor e que foi a morrer com o conde por ordem d'el rei. Na campa d'ella brotára uma arvore real, na d'elle um roseiral. Mandou os el rei cortar e queimar, mas

«Cortadas e recortadas
Tornavam a rebentar
E o vento que as encostava
E ellas iam se abraçar.

Evoco a formosa Gaya, que o marido D. Ramiro despresou por amor de Zahará, a moira, Gaya que amou depois do marido da sua rival e que D. Ramiro degolou na foiz do Douro, em frente da terra que hoje lhe usa o nome

E' d'alem Douro essa praia
Onde a barca ia a aproar
Quando bradou: mira, Gaya
O rei que a vae degolar

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular
Que o nome tem Miragaya
D'aquelle fatal mirar.

Evoco a desditosa Helena, a Sylvaninha, a Claralinda e todas essas figuras delicadas de lenda que elle ergueu dos rimances do povo, todo esse bando de borboletas palidas com azas azues, bando de Chimeras, de visões, de nevôas luminosas com formas, bando aureo e radiante que passa nas paginas do romanceiro, por entre beijos e lagrimas, como uma ronda de sonhos, de astros e de flores.

Senhoras, delicadas senhoras d'esta linda terra portugueza. Senhoras que elle tanto amou, que elle ergueu nos seus braços pondo vos como pedestal á sua obra; Senhoras, cujas cabeças de neve, de rosas e de oiro elle mergulhou no clarão immortal do seu genio, cujos olhos elle enfeitou com a graça dos seus versos; Senhoras de quem elle foi o melhor poeta e o melhor amigo, que elle via passar nas horas de inspiração como uma ronda astral de musas; venerae lhe a memoria augusta: erguei no vosso coração um altar delicado para a sua obra: mergulhae n'elle os vossos espiritos gentis e volitantes e chora por elle—Senhoras—pelo poeta do Amor, da Galanteria e da Paixão—pelo vosso poeta—Senhoras!

Relativamente venturosa é ainda a patria que nas horas amargas de desventura e de fraqueza, quando todas as suas energias se quebram e todas as suas vontades se debilitam, pode ainda pensar, como a nossa, que nunca o brilho do seu nome se apagará, que nunca poderá extinguir-o e maculal-o pó que os seculos atiram sobre as patrias e sobre as civilizações, porque duas vozes ficarão sempre bradando aos vindouros a grandeza que tivemos: vozes que nada poderá abafar e extinguir: vozes immensas—Senhoras—cujo brado soltará pelas edades, claro e triumphante: uma voz de bronze e uma voz de oiro: a voz da nossa historia e a voz da nossa literatura.

No dia—meus senhores—em que o nome da patria

corresse o risco de perder-se, essas duas vozes chama-
riam clamorosamente pelos nossos marinheiros, pelos epis-
cos batalhadores e pelos grandes artistas que dormem o
seu tranquillo e eterno sonho de gloria sob o marmore
dos jazigos, pelos cemiterios e pelos clautros e essas fi-
guras levantando-se no clangor triumphal d'uma apotheo-
se immensa e estilhaçando as pedras tumulares, mostra-
riam, ao mundo assombrado e espavorido, com a sua gran-
deza a grandeza de Portugal.

Se basta—meus senhores—o nome de Garrett para
fazer a gloria d'uma patria, se basta a luz do seu genio
para nos illuminar a todos; que deslumbrador, que radi-
ante, que intensamente fulgente seria o brilho da terra
portugueza quando todas essas figuras se levantassem!!

Uma patria assim não morre nunca: bate-lhe em
cheio a luz immortal da gloria e essa luz leval-a-ha atra-
vez dos Seculos, sempre nova, sempre linda e sempre
grande.

Disse. JOÃO LUCIO.

OS OLHOS DE JOANNINHA

(Sobre um thema de Garrett)

Olhos verdes cor da terra,
Olhos verdes cor do mar,
Que esperanças não encerra
P'ra um coração que erra
O seu dulcissimo olhar!

A noite é negra, mas bella,
Luzem estrellas no ar...
Vede uma hora essa tela
E eu vos juro que após ella
Pelo dia beis do anhelar.

São teus olhos, Joanninha,
Cór do prado a ondular,
Cór da hera e cór da vinha
E do valle, em que á noiteinha,
Os rouxinões vão cantar.

Vem o dia; o ceu formoso
Seu azul faz exultar...
E' um quadro magestoso!
Mas no fim de tanto gozo
Vossa vista ha de censurar.

Na sua verde retina
Ha transparencias do mar
E scintillações de Ondina;
E' a marinha mais fina
Que Deus podia criar.

Só na cor verde se ostenta
Toda a belleza sem par,
Que não nos cansa, mas tenta...
A outra cor quem intenta
A cor verde comparar?

São teus olhos livro immenso
Onde se vão registrar,
Em letras d'um brilho intenso,
Combinações taes, que eu penso
Ninguém poder decifrar.

Que linguagem se encerra
De teus olhos no brilhar?
Diz ao coração que erra
As alegrias da terra
Ou as tristezas do mar?

Olhos azues, olhos pretos,
Olhos feitos para amar,
Que magnificos duettos,
Sob as olaias e fetos,
Todos sabeis entoar.

Alegrias e tristezas
Eis a vida—ó reparar:
Mar aqui, alem devezas...
Olhos verdes, que surpresas
Qua me vindes revelar!...

Olhos verdes, com que vens
Meu coração enlear
Em caprichos vaiveis...
Joanninha, porque tens
Os olhos da cor do mar?...

JOSÉ CASTANHO.

Garrett gentil

Senhoras:

Eu venho-vos fallar do dandy dos salões,
Do que fez delirar os brandos corações
Com a graça subtil dos galantes primôres:
Do Garrett romanescos e fino dos amores,
Da figura brilhante, ativa e delicada
Que forjava, sorrindo, a algema doirada
Com que o pallido amor as almas manietta,
Do que foi, para vós, o mais fino poeta:
Do que soube dizer, para crear amores,
Palavras com aroma assim como o das flores,
Palavras em que havia a chamma d'esses lumes
Que sentimos girar nos lubricos perfumes,
Isso que tem tambem a voz das violetas
Quando falla p'ra o sol e para as borboletas,
Esse encanto dormente, extranho, singular,
Que faz o coração ter ancias de voar.
Venho fallar d'aquelle apromorado vulto
Que, em voses corações, tem um suave culto,
Lindas mulheres gentis da terra portugueza,
Do que foi, assim como a fresca Natureza,
Sempre galante e môco, e, como ella, vestia
Diversa toilette em cada novo dia.
Evoco-lhe a figura esbelta e radiante,
O delicado ar risonho e triumphante
Do seu perfil ardente, aonde amanhecia
A luz do genio, que é mais clara que a do dia:
A graça immortal d'essa cabeça bella,
Com arestas de luz assim como uma estrella:
O olhar dôce e amplo: a bocca sensual,
Que talhava em setim e oiro o madrigal,
Bocca que descansou, em volupias infindas,
No ninho de coral de tantas boccas lindas
Que tremiam sob ella, arfando, a palpitar,
Como aves que o sol convidasse a voar,
Evoco o sorridente e galante nas salas,
Entre esses collos nus, albetes como opalas,
—Geleiras de setim, tremendo de desejos,
Com colare de rubis ardentes como beijos—
De casaca garrida, em verde de folhagens,
D'ouro claro os botões, colete de ramagens
Bordados em velludo—: extranho e deslumbrante,
Calça cor d'alecrim, vincada e elegante,
Camisa a lampear: punhos encanudados,
De luyas cor de palha e botões esmaltados,
Tremiam de volupia os labios purpurinos,
—Quando elle dizia os galanteios divinos
—Alados madrigaes que inundavam de luz,

A neve boreal d'aquelles collos nus,
Cada palavra sua, era um pagem d'amor
Que levava na mão uma galante flor
Para offerter, sorrindo, á dama que o ouvia,
Flôr bella cujo aroma intenso adormecia,
E occultava tambem, entre as petalas finas,
Esses insectos de oiro e d'azas, pequeninas
Que são p'ra os corações os sonhos dos amores,
Que entram para a alma ao respirar as flores.

Nos boudoirs gentis das damas primorosas,
Onde é o ar que as toca um halito de rozas,
E tem tudo o requinte, essa graça exquisita
D'aquella que os compõe, que os doira e que os habita,
Onde os estofos são brandos como o seu seio.
E, como os braços seus, nos prendem, n'um enleio
De cadeias subtis, impalpaveis, que dão
A mais macia, fina e dôce escravidão,
Onde é preciso entrar, por tal forma apurada
Que nada se magõe, nem se macule nada;
Aonde o ar se fere e tudo se magõa,
Se a palavra não é como um beijo que vôa
E o gesto não é, como um aroma leve;
Foi elle o que mais fina a gentileza teve
D'entrar suavemente ás horas recatadas
Em que as almas estão p'ra paixão dilatadas,
N'essas horas de paz, secretamente bellas,
Quando passa no ceu a ronda das estrellas
E passa pelo mundo a ronda dos amores,
Quando, em gotas de prata, o rócio beija as flôres.

Oh! musas sensuaes de rendas e setins,
Pallidas como são os antigos marfins!
Oh! sereias d'aroma, elegantes e frescas,
Oh! esphinges de neve, oh! brancas romanescas
Que ouvistes fallar seu grande coração
A linguagem azul do sonho e da paixão!
Oh! rozas de vellndo, a quem elle aspirou
O aroma dormente e com que se enfeitou:
Benedictas sejaes vós, graças dos seus amores,
Vós que tendes ainda a pureza das flôres,
Que com seus labios d'ouro o sol vae beijar
N'um espasmo d'amor, sem nunca os macular,
Porque o Genio tambem, quando ama e seduz,
Ama sem macular e dá beijos de luz.

Ja a tarde a tombar: era um lilaz cheio d'ouro,
Fanando e desbotando, o ceu sereno e loiro,
Nas alcovas gentis o Amor soluçava:
Lindos olhos gracis tremiam a chorar
O poeta morrêra: o enterro pass. va:
Parecia Portugal que se ia a enterrar.

JOÃO LUCIO.

OLHOS VERDES

Joanninha tem os olhos verdes...
Não se reflecte n'elles a pura luz do ceo, como nos
olhos azues.
Nem o fogo—e o fummo das paixões, como nos pretos.
Mas o viço do prado, a frescura e animação do bos-
que, a fluctuação e a transparencia do mar.
Tudo esta n'aquelles olhos verdes.
Joanninha, por que tens tu os olhos verdes?
Nos olhos azues de Georgina arde, em sereno e mo-
desto brilho, a luz tranquilla de um amor provado, segu-
ro, que deu quanto havia de dar, quanto tinha que dar.
Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma
só phrase d'amor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-
te, sou tua!*
Nos olhos negros e inquietos de Soledade nunca li
mais que estas palavras: *Ama me que és meu!*
Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escri-
pto em caracteres móveis, cujas combinações infinitas ex-
cedem a minha comprehensão.
Que querem dizer os teus olhos, Joanninha?
Que lingua fallam elles?
Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?
A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha,
o alecrim azul...
Roxa é a violeta, e o junquillo cor de ouro.
Mas todas as côres da natureza veem de uma só, o
verde.
No verde está a origem e o primeiro typo de toda a
belleza.
As outras côres são parte d'ellas; no verde está o to-
do, a unidade da formosura creada.
Os olhos do primeiro homem deviam de ser verdes.
O ceo é azul...
A noite é negra...
A terra e o mar são verdes...
A noite é negra mas bella: e os teus olhos, Soledade,
eram negros e bellos como a noite.
Nas trevas da noite luzem as estrellas que são tão
lindas... mas no fim de uma longa noite quem não sus-
pira pelo dia?
É que se vão... oh que se vão emfim as estrellas!...
Vem o dia... o ceu é azul e formoso; mas a vista
fatiga se de olhar para elle.
Oh! o ceo é azul como os teus olhos, Georgina...
Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não
se cança na variedade infinita de seus matizes tão suaves.
O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste
como a terra é alegre.
A vida compõe-se de alegrias e tristezas...
O verde é triste e alegre como as felicidades da vida!
Joanninha, Joanninha, por que tens tu os olhos ver-
des?

ALMEIDA GARRETT.

SEUS OLHOS

Seus olhos—se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou—
Não tinham luz de brilhar,
Era chamma de queimar;
E o fogo que o ardeu
Vivaz, eterno, divino
Como o facho do destino,
Divino, eterno!—e suave
Ao mesmo tempo; mas grave
E de tão fatal poder,
Que um só momento que o vi,
Queimar toda alma senti...
Nem ficou mais de meu ser
Senão a cinza em que ardi.

ALMEIDA GARRETT.

A GARRETT

Senhoras:

—E' p'ra vós que fallo de Garrett,

D'aquelle que amou tanto o verso e as mulheres,
D'esse que andou por lá, pregoando a sua fé
Desde a loira Albion á patria dos Voltaires,

D'esse mesmo Garrett, que já menino e moço,
Tinha muito talento a trasbordar por fóra,
Que escreveu o «Camões» esse Camões tão nosso...
Com palavras de Luz e tintas cor d'Aurora!...

D'esse que foi tão grande e é grande em Portugal
Tão grande que, em tudo, immenso foi até,
Poéta, romancista, orador e liberal,
E tudo o mais, emfim. Pois tudo foi Garrett!...

D'esse que encheu de Luz a nossa litt'ratura,
E teve muito amor ás letras portuguezas,
Que no verso pintou a Dôr e a formosura.
E no theatro poz miserias e bellezas!...

Senhoras:

—Todas vós o tendes adorado,
Nas paginas d'um livro ou n'um verso, sequer,
Chamavam lhe o «Divino» e teve um só peccado
—Foi o amar demais o amor d'uma mulher!...

Ergnei lhe um monumento em vossos corações,
Formae lhe o pedestal de sonhos, aos pedaços,
Lembrae-lhe sempre o nome em vossas orações,
Um nome, como o seu, faz tremer os espaços!...

Fallae muito em Garrett, ás vossas filhas qu'ridas,
Ensinae-as a lêr os versos que escreveu,
Ensinae-as a amar—essas «Folhas Cahidas»
E dizei lhes depois:—que o Poéta morreu!...

Morreu o bom Garrett... N'esse dia fatal,
Cobriu-se de saudade e crepe a Natureza,
Senhoras: Ouvi bem:
—Morrera em Portugal
—A graça portugueza, a arte portugueza.

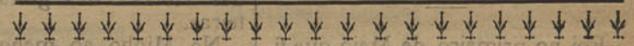
AI FREDO PORTUGAL.



Camões deu-nos o passado, a historia; Garrett os
costumes e a arte; João de Deus a simplicidade e a gra-
ça, o amor e a bondade. E todos tres; deram nos esta
formosa lingua que se tem n'uma fama tão larga, se es-
trangeiros a admiram e estudam, a elles o devemos e por
elles a aprenderam.

Se não apparecessem embora a largás epochas, que
a natureza não tem forças para mais, d'estes genios,
n'um povo, que pelo espirito se comprehendem e identificam,
transmittindo d'uns aos outros como que intacto e em for-
ma de segredo, o idioma que lhe é proprio, quantas na-
ções não teriam perdido a melhor razão de ser da sua
independencia?

MANUEL TELLES.



PORTUGAL

Meu lindo Portugal abençoado,
Patria d'um povo audaz e combatente;
Ser portuguez, ser d'esta heroica gente
E' ser bom marinheiro e bom soldado.

Paiz para chorar; paiz do Fado,
Triste como a tristeza d'um poente;
Paiz que esquece os males do presente
Cantando as aventuras do passado.

Lindo paiz de bravos cavalleiros,
Paiz do D. Magriço tão famoso,
Paiz do amor, paiz de aventureiros.

Não o perdemos, não; tenhamos fé:
Ha de ser sempre o Portugal saudoso,
A patria de Camões e de Garrett.

ANTONIO SANTOS.

PHYLLOXERA

O sr. Almeida e Brito que viera ao Algarve examinar a região infestada por este terrível parasita já apresentou o relatório dos seus trabalhos, dispondo-se o governo a tomar promptas medidas sobre o momentoso caso.

A propósito respigamos d'um livro agrícola os seguintes apontamentos:

Phylloxera é um insecto da ordem dos hemipteros, cujos estragos produzidos na vinha, são, infelizmente, muito conhecidos no nosso paiz.

A *phylloxera*, entre nós, ataca quasi exclusivamente, as raizes da videira, onde se revelam as nodosidades que lhe são características. A invasão dá-se em grupos de videiras, formando o que se chama *nodoas phylloxericas*.

A parte aerea das vinhas atacadas por este insecto, mostra sinais evidentes de falta d'alimentação, dada pelas raizes. As folhas amarellecem, tornando-se muito pequenas as que vão rebentando; os merithaes dos sarmentos, tornam-se muito pequenos e as cepas tomam assim o aspecto d'um mangericão, pelo que se lhe dá vulgarmente o nome de cepa mangericada.

Ha diversos meios para combater esta doença. Nos terrenos permeaveis e fundos, é eficaz o tratamento com o *sulfureto de carbono*, acompanhado de boas adubações.

O *sulfocarbonato de potassa* tambem é eficaz, mas é restricto o seu emprego, pelo elevado preço que tem.

A *submersão* da vinha, dá bons resultados, mas só em poucos logares se dispõe das condições especiaes, para a poder effectuar economicamente.

A *cultura nas areias* com mais de 60% de silica, tambem tem sido adoptada.

No nosso paiz, poucos terrenos ha d'essa natureza, que possam ser utilizados para a cultura da vinha.

Na Ilha de Porto Santo, do archipelago da Madeira, está perfectamente comprovada a immuniidade das vinhas europeas á *phylloxera*, quando plantadas em terrenos muito ricos em silica.

O emprego das videiras americanas é o meio mais racional e economico de conservar a produção do vinho, nas regiões invadidas pelo *phylloxera*. Para a substituição do *vinhedo* devem estas videiras ser escolhidas segundo a natureza do terreno.

No numero elevado de variedades americanas, existem umas que fructificam no nosso clima e outras de que não se consegue vingar a produção. Entre as primeiras, por em, nenhuma ha que, pela qualidade do seu fructo, possa servir a substituir a produção especial da vinha europeia.

Entre os produtores directos existem, na actividade, alguns hy-

bridos obtidos da fecundação entre as castas americanas e europeas, que têm sido utilizados com o fim de evitar a enxertia, como pés francos que ao mesmo tempo fossem resistentes á *phylloxera* e produzissem vinho de boa qualidade.

A impossibilidade do aproveitamento, por enquanto, dos produtores directos, para a substituição das vinhas europeas, dá lugar a que as videiras americanas sejam, ainda utilizadas como *portanxertos*, garantindo, não só a resistencia radicular aos estragos *phylloxericos*; mas servindo a manter as qualidades características dos vinhos produzidos pelas castas europeas, especiaes de cada região vitica.

A enxertia das videiras americanas determina um importante aumento de produção, facto invariavelmente resultante da *enxertia* de qualquer planta.

A PROVINCIA

Alcoutim

A camara municipal d'este concelho foi concedida authorização superior para prover, por concurso, o logar de pharmaceutico. Vago n'este concelho, com o vencimento igual ao que percebia o anterior serventuario.

Olhão

Com o fim de se discutirem as bases para a fundação da *Associação Commercial* que desde ha tempo se projecta e procedeu-se á leitura dos estatutos porque deverá reger-se a referida associação effectou-se domingo penultimo na sala das sessões da camara municipal um importante reunião a que assistiu grande numero das classes commercial e industrial d'esta villa.

Presidiu á reunião o sr. dr. Bernardino da Silva, secretariado pelos srs. José Amandio Correia Junior e Pedro Mendes. Exposto o fim da reunião pelo presidente usou da palavra o sr. dr. Carlos Fuzzeta que na facil suggestiva eloquencia que o põe na ala dos melhores oradores algarvios frizou claramente a utilidade e prestigio que resultaria para as duas classes a instituição d'aquelle centro que se projectava.

Trocaram-se depois explicações com o sr. dr. José de Padua e procedeu-se de seguida á eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembléa geral—Dr. Bernardino Silva, presidente; Antonio da Silva Guerreiro, vice presidente; José Amandio Correia Junior e Pedro Lopes Mendes, secretarios. *Direcção*—Dr. Carlos Fuzzeta, presidente; Joaquim Casimiro Archango, vice presidente; José Guerreiro de Mendonça e José dos Reis Silva secretarios; Diogo da Silva Christina, thesoureiro; Manoel da Silva Larião, João Vianna Cabrita,

Pedro José dos Reis Viegas e José de Sousa Honrado, vogaes; José Vicente Pestana, Joaquim José dos Reis, Germano José Gaspar e João Martins da Quinta, vogaes suplentes; *secção de commercio*—Manoel Moraes Cordeiro, Francisco Mascarenhas Mendonça e João Francisco Sá; *secção de industria*—Manoel Pereira Pinha, Domingos do Espito Santo Correia Junior e Germano José Gaspar; *secção de navegação*—José Antonio Dentinho e José Lucio Thomé.

—Esteve aqui na semana passada o sr. dr. José de Padua.

Silves

O maio entrou de maus humores por barlavento da provincia.

Na barra de Portimão naufragaram duas lanchas carregadas de sardinha da armação do *Vau*. Seis tripulantes ficaram á mercê do mar embravecido pelo forte vendaval e assim se conservaram por algum tempo até que o salvavidas conseguiu prestar-lhes soccorro, o que fez com muita dificuldade, tendo já dois dos naufragos alcançado a nado a praia grande. Um menos feliz, na occasião do sinistro, foi levado mar fóra agarrado a um paneiro do barco tendo se perdido da vista dos seus companheiros e da tripulação do salvavidas. Quiz a providencia que elle na sua triste situação fosse avistado pelo chefe do pharolim da *Ponta do Aitar*, Domingos Marques, um benemerito, que despresando a vida em proveito d'um infeliz se lançou da rocha e alcançando a nado o naufrago, prestes a sossobrar, o livrou da morte levando o para o pharol onde lhe prestou todos os soccorros ao seu alcance a fim de lhe restituir a fala.

O pobre Abel, assim se chama o naufrago, foi dado em Portimão como morto. A alegria foi immensa quando horas depois se soube como milagrosamente foi salvo.

Ainda ha d'estes exemplos de verdadeiro amor pelo proximo, mercê de Deus, entre a plebe anonyma d'estas praias luzitanas.

Nem tudo está pervertido.

Ex.^{mo} Sr.—Tem esta o fim de lhe agradecer! O que lhe digo é que foi o meu sublime protector! Foi Deus que o enviou para restituir-me marido. Hoje chamo lhe meu pae, meu sublime protector, anjo enviado de Deus, emfim, e a quem eu devo a minha alegria. Não me restituiu só meu marido, restituiu o filho á sua pobre mãe, restituiu o pae aos seus filhos. Não sei de que expressões me possa valer para lhe expandir os meus sinceros protestos de agradecimento. Contrahido de hontem com sua esposa e com o sr. uma divida para toda a vida, que jámais poderei esquecer. Seja pelo amor de Deus, agradeço lhe em nome da boa sorte dos meus queridos filhos, em nome da sua querida esposa, emfim, em nome de todos que lhe são caros. Deus

lhe recompensará tudo porque é digno da mais alta recompensa. Em meu marido estando melhor ahi iremos todos agradecer-lhe tudo.

D'estes que se confessam gratos até du rar-lhe os ultimos alentos. Disponha d'estes sinceros corações para o que lhe seja prestavel.

Miquelina de Jesus.
(Correspondente)

Passos... repassados

Sr. redactor

Em vista do sr. padre Humberto se não ter dignado até esta data responder aos quesitos da minha carta datada de 4 do proximo passado mez de abril cuja publicidade v. se dignou dar no seu jornal *O Herald* do dia 9 do mesmo mez, venho pedir a v. a fineza de dar publicidade a esta e ás copias dos documentos em meu poder, que remetto para complemento das devidas apreciações.

Agradecendo tenho a honra de me subscrever

De v. etc.

Tavira, 5 de maio de 1903.

João R. P. Centeno

Amigo Humberto

Constando-me ter a comissão dos Passos de que tu és mui digno presidente resolvido fazer a tua precissão, communico-te para os devidos effectos que a meza da confraria de Nossa Senhora d'Ajuda de que faço parte, tem a sua igreja á disposiçã da comissão com no anno passado e nas mesmas condições, por isso venho pedir te a fineza de me dizeres se a alludida comissão tem resolvido ou resolverá vir para esta Igreja com a referida precissão.

Agradecendo a tua resposta muito me obsequias informar-me com a brevidade possivel.

Tua casa Teu Am.^o e Obg.^o

13/3/03. João R. P. Centeno.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.
Tenho a honra de communicar a V. Ex.^a que no dia 27 do corrente mez, pelas 5 horas da tarde deverá sair da igreja de S. Paulo, d'esta cidade, a procissão dos Passos do Senhor, que percorrerá o lado oriental d'esta mesma cidade, a fim de que V. Ex.^a se digne solicitar a respectiva guarda d'honra.

Deus guarde a V. Ex.^a
Casa do despacho da Confraria de N. S. d'Ajuda, 25 de março de 1903.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Administrador do concelho de Tavira.

Joaquim Alexandre da Fonseca Neves.

Mais uma vez a falta de espaço nos obriga a retirar muito original.

EDITAL

A junta parochial da freguezia de Santo Estevão do concelho de Tavira

FAZ publico que não tendo havido licitação que á junta conviesse, para o afuramento das três glebas de terreno no rotio da Igreja, para construção de casas de moradia com algum pequeno quintal, que foi á praça no dia 26 d'abril ultimo. A junta em sua sessão do mesmo dia, resolveu não entregar e abrir nova praça no dia 22 do corrente, no mesmo local e hora destinada para aquella praça, servindo de base á licitação, para as duas glebas de 200 metros quadrados 30\$000 réis cada uma e para a de 115 metros quadrados 15\$000 réis; e com as mesmas condições que no acto d'aquella praça foram apresentadas. E para constar se passou o presente e outros d'igual theor que vão ser afixados nos logares do costume e publicados no jornal *O Herald* E eu João José d'Oliveira, secretario que o escrevi.

Santo Estevão, 1 de maio de 1903.
O presidente,
José de Sousa Pires.
(6145)

CAMARA MUNICIPAL DE TAVIRA
Estrada Municipal n.º 41 de Tavira a Santa Catharina
Lanço de Tavira ao Pomar dos Marmellos

EDITAL

FAZ-SE publico que no dia 10 de junho proximo, pelas 12 horas da manhã no edificio d'esta camara, ha de ter logar o acto de concurso para a arrematação por meio de propostas em carta fechada, das tarefas de terraplenagens e obras d'arte abaixo designadas:

Numero das tarefas	Numero dos perfis entre ellas	Exclusão de cada uma	Base da licitação	Deposito provisorio 2,5 %
Tarefa n.º 26,	antes do 43 a 1,	1.279,	1.600\$000	40\$000
Tarefa n.º 31,	antes do 118 ao 168	877,	666\$000	16\$630

O deposito definitivo é de 5 % da adjudicação.
As condições, desenhos e medições d'estas tarefas, podem ser examinadas todos os dias não santificados, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde, na secretaria da camara.
Secretaria da camara, 6 de maio de 1903.

O presidente,
Sebastião José Teixeira Neves de Aragão
(6146)

FOLHETIM

O MAIO DE LAGOS

Foi no primeiro de Maio que fizemos a excursão de Faro a S. Braz e Loulé, dia festivo no Algarve, mas festa como ella se entende e pratica no extremo sul do paiz, festa sem animação, sem ruido, sem alegria, festa em que só ha os risos do azul hilariante, da natureza que borbulha em possantes feracidades estivaes sob o agulhão de um sol tropical.

A festa do 1.º de Maio é regalar a indolencia indigena em excursões pantagruelicas pelas hortas.

Póde porventura haver para o algarvio mais regalada festa do que estiraçar-se a gente á sombra da velha alfarrobeira em doce e repousado convívio com o cángirã de vinho e as vidualhas desentranhadas do cabaz?

Mas tudo isto se faz pacatamente, sem ruidos de kermesses in-

ensas, espumejantes de francas alegrias, sem as expansões jucundas dos arraiaes minhotos irrequietos e movimentados, vibrando em descantes e bailaricos ao rythmo das violas e das guitarras galho-feiras.

No Minho ao menor pretexto, em havendo uma viola n'uma roda de cachopas e mocetões, é de ver-se com gosto como o sangue sadio e vivaz d'esta mocidade entra logo de esfervilhar em saracoteios azougados, em descantes de uma esfuasante jovialidade madrigalesca e satyrica, em expansões de regala do riso na franca despreocupaçã do bom sabor da vida.

Na larga sôturnidade algarvia não resda cantiga a quebrar esta monotona uniformidade; a voz popular, esta voz que na lingoagem commum tem accents musicaes, emmudece para a lingoagem do canto, e no tocante a bailados ou fandangos ajuzamos das aptidões choreographicas do algarvio, presenciando uma dança em que um grupo de rapazes se movia indolentemente com passos lentos e arastados n'umas languidas evolu-

ções, que arremedavam sisudas marcas de quadrilha diplomatica, ao som narcotizante de uma banza somnolenta.

E' desconhecido no Algarve o descante — essa nota rejubilante, tao frequente nas estradas ao norte do paiz—das raparigas em ranchos folgasões ao despegarem do trabalho, entremeando a marcha lepidal de um saracoteio de fandango, e fazendo dos dedos castanhólas.

Ellas, as algarvias, passam pelas estradas com uma seriedade mussulmana, lugubres nas suas farpellas de côres franciscanas, tristonhas e silenciosas sob a tyranhia do chapéu esmagador, descerrando os labios apenas para estimular de quando em quando a andadura do inseparavel e indispensavel companheiro com a apos trophe invariavel do — *arre burro*.

Sobretudo para barlavento, em Portimão e Lagos, a festa do 1.º de Maio pratica-se com um rigor de domingo britannico. Fecham-se todas as portas, todos se atavam no facto dominguero e vão espantear-se em ranchos pelas hortas.

Almoçam, jantam, espreguiçam se á sombra das arvores, embriagados pelo perfume dos laranjeas e pelos philtros entorpededores d'esta primavera algarvia que borbulha em seivas de uma vitalidade intensissima.

As creanças, os carros, os burricos enfeitam-se de flores; o *Mai* surde aqui e além, excentrica usança! sob a fórma de um manequim vistoso, mirabolante, a janella do pobre n'um aspecto picaresco de pelintra remendão, em casa do rico por igual grotesco, mas espaventosamente ajaezado.

De qualquer cousa se improvisa um *Mai*; um travesseiro, um cabo de vassoura, a que se applica uma mascara chocarreira; atavia-se com as mais espectaculosas farpellas, e assim asseado o *Mai* estadeia-se ás janellas carnavalesco, berrante de côres.

Em Lagos muitas familias concertaram uma vez embonecar um *Mai* com pompas desusadas, um *Mai* unico, que assignalasse a data mais conspicua nos fastos dos *Maios* mais famosos da provincia. E assim succedeu.

Engalanaram não um titere, mas um verdadeiro marmanjo em carne e osso, que percorresse a cidade a cavallo triumphalmente, e todos á porfia enfeitaram o mocetão com as suas melhores joias. Arrecadas, brinços, grillhões, braceletes, broches constellavam magnificamente o vivo manipanso, que vergava ao peso de tanto ouro e luzia como um idolo japonês de ouro maciço.

No auge da festa, em momento azido de despreoccupada distracção, esporeado valentemente o bucephalo, o espaventoso *Mai* sumiu-se phantasticamente como n'um sonho de ballada!

Desde então em Lagos ninguém falla do mez de Maio, como quem discretamente não falla de corda em casa de quem escapou á forca, e para os lacobrigenses o formoso mez passou a ser, por uma engenhosa metaphora—o mez que ta de vir.

Mas vingou-se o intento. O grandioso *Mai* conquistou a immortalidade dos epicos legados, que se transmitem aos posterios na successão inquebrantavel das tradições impereciveis.

JULIO LOURENÇO PINTO.

REGISTO DE PUBLICAÇÕES

A Rainha Santa

Foram já distribuídos os tomos 4 e 5 d'este interessante romance escripto pelos srs. Armando da Silva e Caldas Cordeiro, publicado em nitida edição da casa editora dos srs. Guimarães, Lianio & C. e primorosamente illustrada pelo conhecido artista, Conceição Silva.

Tão fértil de episodios interessantes é a vida da «Rainha Santa» que não pode pôr-se em duvida o merecimento d'este romance original.

A Ambição d'um Rei

Distribuíram-se os fascículos 29 a 31 d'este enredado romance original do distincto escriptor, sr. Eduardo de Noronha e cujo entrecho se passa no aventureiro reinado de D. João II. Como por varias vezes temos dito, este romance é magnificamente illustrado pelos conhecidos artistas Manoel de Macedo e Roque Gameiro.

Revista Commercial de Vinhos e Azeites

Está publicado o numero 9 d'esta revista quinzenal da especialidade que o seu titulo indica e que se publica no Porto sob uma competente direcção. Este numero traz interessantes artigos sobre a conservação do azeite e mais assumptos agricolas.

Occidente

Publicou-se o n.º 874 d'esta antiga revista illustrada contendo algumas nitidas gravuras sobre os festejos com que a capital do reino recebeu a visita de Eduardo VII. Como sempre, vem deliciosa a chronica de D. João da Camara sobre os palpantes assumptos da quinzena.

Sil Braz

O ultimo numero publicado d'este quinzenario da capital insere as seguintes gravuras: O rei Eduardo VII, Carlos I rei de Portugal, actriz Sephira Santos, Rosa de Villa, o barytono Preiggenner, hospital de Santo Isidoro nas Caldas da Rainha. Traz collaboração litteraria escolhida.

O Jornal do Bombeiro

Tivemos a visita d'este apreciado jornal de Lisboa dedicado á especialidade que o seu titulo indica. Insere diversa collaboração, mostrando-se sobretudo entusiastica pela altruista missão que so impoz.

Liga Naval Portugueza

O numero 3 da segunda serie do boletim publicado pelo conselho geral da Liga Naval Portugueza continua a confirmar os meritos de que já goza esta publicação recente e que é uma das melhores garantias que disfructam os socios de tão prestante associação.

Gazeta das Aldeias

Recebemos o n.º 322 d'esta utilissima publicação de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis, dirigida pelo distincto escriptor sr. Julio Gama. Como sempre, insere importantes artigos sobre assumptos de sua especialidade frisados pelos nomes mais prestigiosos do mundo agronomico e veterinario.

Alma Portugueza

Distribuiu-se o tomo sexto d'este grande romance historico original do conhecido escriptor, sr. Faustino da Fonseca e caprichosamente illustrado pelos afamados artistas, srs. Manoel de Macedo e Roque Gameiro. E' edição da livraria do sr. José Bastos, antiga casa Bertrand. Rua Garrett, 73 e 75, Lisboa.

Revista de Infanteria

Publicou-se o numero correspondente a maio de esta revista militar collaborada pelos mais distinctos escriptores da especialidade e que por isso se recommenda pela selecção e competencia dos seus artigos.

O Rabbi da Galiléa

Vae já no terceiro tomo este interessante romance popular sobre a vida de Jesus, original do escriptor, sr. Augusto de Lacerda. Este romance é uma serie ininterrupta de episodios, pelo que interessa sobremaneira.

Boletim

Foi distribuido o primeiro boletim da «Sociedade Litteraria Almeida Garrett», publicação illustrada e proficientemente dirigida pelo experimentado jornalista, sr. Alberto Bessa. Se não bastasse o nome do seu director a agourar a vida brilhante que se destina a essa nova revista, havia ainda a excellencia d'este primeiro numero, escriptamente collaborado e com profusas illustrações.

Revista Agronomica

Vae de numero para numero confirmando os seus meritos de exultante revista scientifica esta recente mas já muito conceituada publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal, dirigida pelos srs. J. Verissimo d'Almeida, J. Rasteiro e M. Sousa Camara. O present numero vem acompanhado de muitos mappas illustradas elucidativas.

EXAMES D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Tendo-se determinado que os proximos exames d'instrução primaria sejam feitos de accordo com os novos programmas, era de necessidade immediata organizar livros que pudessem responder ás novas materias a que o examinando tem a satisfazer.

A livraria de M. Gomes, de Lisboa, depositaria de todas as publicações officiaes, acaba de pôr á venda dois livros, que organizados em confor-

midade com os novos programmas, vem prestar pela sua clareza, simplicidade e exactidão, um valioso auxilio não só ao estudante mas tambem ao professor a braços com um ensino inteiramente novo.

Um d'estes—*Rudimentos de agricultura pratica*—é um volume de 128 paginas, acompanhadas d'uma grande quantidade de gravuras indispensaveis para a boa exposição e clara interpretação do texto, e o seu preço é apenas de 200 réis br., e 250 réis cart.

O seu auctor, um distincto professor official, vem esconder debaixo das iniciaes A. L. a sua competencia no assumpto.

O outro livro é o *Compendio de doutrina christã acompanhado da no tia resumida da vida de N. S. Jesus Christo*, profusamente ornada de magnificas estampas, que tornam este livro d'um agradável interesse para o alumno, sendo apenas de 100 réis o seu preço em brochura e 150 réis cartonado.

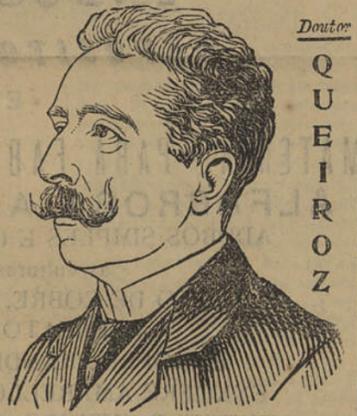
E' seu auctor o professor das Escolas de Lisboa, sr. Santos Martins, que viu o seu *Compendio de moral e doutrina christã* approved como livro unico para o ensino em todo o Paiz.

Ambos os livrinhos são impressos com a nitidez e perfeição habituaes da conhecida casa editora.

REGULAMENTO DO ENSINO PRIMARIO

A «Bibliotheca Popular de Legislação», com sede na Rua de S. Mamede, 114 (ao Largo dos Caldas), Lisboa, acaba de editar este novo regulamento, approved por decreto de 19 de setembro de 1902, seguido do decreto de 24 de dezembro de 1901, é a unica edição que contém este decreto, e por isso a mais completa e economica.

Estaes fraco ou forte?



Dr. MANUEL A. DE QUEIROZ E CASTRO

TRAVESSA DE SA. NORONHA 14-1, PORTO, 30 de Março 1901.
Eu, abaixo assignado, declaro, com prazer, a abrigo da honesta observação clinica, que a EMULSÃO DE SCOTT é um valioso modificador da nutrição, digno da fama que tem, pela excellencia da formula e multiplicidade das suas applicações.

MANUEL A. DE QUEIROZ E CASTRO, Medico Civil no Porto.
Reconstituição. A fraqueza ou exhaustão physica não é combatida geralmente com aquella energia que a sua gravidade reclama. Despresada, gera quasi sempre alguma casta de molestia desesperada. Combate-se facilmente com o emprego da EMULSÃO DE SCOTT, o primeiro reconstituente de Portugal, que tem reconstituído milhares de portuguezes, homens, mulheres e crianças, levantando-os d'um estado de exhaustão para o de perfeita saúde physica.

A Emulsão de Scott, cura — as imitações e substitutos, não. Tudo pertencente á EMULSÃO DE SCOTT tem-se imitado, menos a sua virtude curativa. Um pescador levando as costas um grande bacalhau é a marca da EMULSÃO DE SCOTT — exige o frasco Scott com o pescador quando comprardes — elle garante-vos a cura que procuraes. A EMULSÃO DE SCOTT é uma emulsão de oleo de fígado de bacalhau o mais puro, com hypophosphitos de cal e soda (os melhores reconstituintes conhecidos dos ossos, do sangue e dos tecidos), perfeitamente saborosa — as creanças tomam-a com avidéz — de facil digestão, e vende-se em todas as farmacias portuguezas, sempre em frascos com envolvero cor de salmão.

HISTORIA DE S. DOMINGOS

por frei Luiz Cacegas, reformada em estylo e ordem e ampliada com successos e particularidades por frei Luiz de Sousa. 6 volumes. Preço da obra 1\$200 réis.

Livraria Moraes—Rua da Assumpção, 49 e 51—Lisboa.

F. Gomes da Silva

OS MYSTERIOS DA INQUIÇÃO

Romance historico illustrado—Caderneta—60 réis.

ALMANACH SANTO ANTONIO

Dedicado aos devotos do grande tharmaturgo. — Preço 250 réis — Braga.

GERAÇÃO NOVA

Revista de Novos, litteraria e illustrada, travessa da Cedofeita, 46, A.—Porto.

Simões Ferreira

NOTAS D'UM PORTUGUEZ

Quadros da nossa terra. Preço—200 réis. Livraria Moderna, Rua Augusta, 95—Lisboa.

A TRADIÇÃO

Revista mensal ethnographica dirigida por Ladislau Piçarra e Dias Nunes.

Serpa

Emile Richebourg

A RAPARIGA MARTYR

Dramas da vida. Em distribuição aos fasciculos. Bibliotheca Social Operaria, rua de S. Luiz, 62.—Lisboa.

O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extranjeiro. Largo de Poço Novo—Lisboa.

Alfredo Gallis

TUBERCULOSE SOCIAL

- 1.º—OS CHIBOS.
- 2.º—OS PREDISTINADOS.
- 3.º—MULHERES PERDIDAS.
- 4.º—OS DECADENTES.
- 5.º—MALUCOS?

Preço de cada volume—500 réis.

Livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160, Lisboa Livro de versos.—Preço, 600 reis.

J. de Brevans

A FABRICAÇÃO DOS LICORES Livraria Chardron de Lello & Irmão, Porto. Preço—500 réis.

F. Palma de Vilhena

GUIA AGRICOLA

Livraria Chardron de Lello & Irmão, editores, Porto. Preço 400 réis.

Teodor de Wyzewa CONTOS CHRISTAOS

Traducção de Camara Lima. Preço, 400 réis.

DR. VERESSIEF

CONFISSÕES D'UM MEDICO Traducção de Camara Lima.—Preço 600 réis.

Paulo Mantegazza

HYGIENE DO AMOR

Um vol. de 520 paginas—700 réis.

Leon de Tolstói

AOS OPERARIOS

Um volume—100 réis.

Dr. Emilio Morselli

MANUAL DE SOCIOLOGIA GERAL

Traducção do dr. Faria e Vasconcellos—Preço 300 réis.

Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.—Largo de Camões 5, 6.—Lisboa.

DON JACINTO

Semanario tauromachico illustrado de Madrid. *Bureau Express*, rua dos Corrieiros, 92, IV.—Lisboa.

Encyclopedia das Familias

Revista mensal de instrucção e recreio. Anno—800 réis Empresa editora Lucas-Filhos, Rua Diario de Noticias, 93—Lisboa.

Gomes Leal

A MULHER DE LUTO

Livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160, Lisboa.

COLLEÇÃO HORAS DE LETURAS

IVANHOÉ, de Walter Scott, 4 vol. 800 réis O FRADE NEGRO, de C. Robert, 1 vol. 200 réis AS SEMI-VIRGENS, de M. Prévost, 2 vol. 400 réis

Livraria Editora Guimarães, Lianio & C.ª, Rua de S. Roque, 108, 110.—Lisboa.

P. Cancelli e H. Anachoreta

A CAÇA

Revista mensal illustrada. R. Nova do Loureiro, 36-2.—Lisboa.

O TIRO CIVIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL Orgão official da União dos Atiradores ivis Portuguezes e da União. *Velocipedica Portugueza*.

Trindade Coelho

IN ILLO TEMPORE

Estudantes, lentes e futricas. Livraria Guillard, Ayllaud & C.ª, rua do Ouro, 242, 1.º Lisboa. Preço 800 rs.

Leon Tolstói

O QUE É A RELIGIÃO?

Traducção de Heliodoro Salgado. Preço, 200 réis.

Lopes d'Oliveira

INTELLECTUAES

Estudos de homens illustres de Portugal.

Alberto Pimentel

SEM PASSAR A FRONTEIRA

Preço—500 réis.

Max Nordau

A MENTIRA RELIGIOSA

Trad. de Affonso Gayo. Preço, 100 rs.

Livraria Central de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 160, Lisboa.

Revista de Infanteria

Publicação mensal authorisada pelo ministerio da guerra. Rua de S. José, 30 a 42—Lisboa.

Faustino da Fonseca

ALMA PORTUGUESA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Romance historico em distribuição aos fasciculos de 40 réis. Livraria Bertrand

A CHRONICA

Revista litteraria.—Produções ineditas. Travessa da Palha, 101—4.º—Lisboa.

A PARODIA

(Comedia Portugueza)

Semanario humoristico com caricaturas de Manoel e Gustavo Bordalo Pinheiro. Rua do Gremio Lusitano, 66, 1.º—Lisboa.

A DOSIMETRIA

Revista medicina desimetria.—Praça D. Pedro, 123, 124—Porto.

Dr. A. Fournier

O PERIGO VENEREO

Conselhos aos rapazes de 18 annos. *Bureau Litterario* Rua do Bomjardim, 110—Porto.

REVISTA COMMERCIAL DE VINHOS E AZEITES

Publicação quinzenal.—Anno 1\$200 réis. Rua da Liberdade, 75.—Porto.

O INSTITUTO

Revista scientifica e litteraria; orgão do Instituto de Coimbra. Cada vol. de 12 num.—2.000 réis.

Paul Mahalin

O FILHO DO MOSQUETEIRO

Sensacional romance historico em distribuição aos fasciculo illustrados de 40 réis. Empresa de As Trez Bibliothecas, Rua da Barroca, 72—Lisboa.

Serões

Revista mensal illustrada. Cada série de 12 num.—2\$200 réis. Calçada do Cabra, 7—Lisboa.

BIBLIOTHECA MODERNA

Director: Pinto Ribeiro—Gouveia N.º 2: *Pelo Abyssmo*, por Pinto Ribeiro. Cada vol.—100 réis.

Ribeiro de Carvalho

TERRA DE PORTUGAL

Livro de versos.—Preço 500 réis.

João Lucio

Descendo

Livro de versos.—Preço 600 réis.

João Bentes Castel-Branco

A Saude

Revista mensal sobre tratamentos naturaes.

Caldas de Monchique Bernardo de Passos

A DEUS!

Livro de versos.—Preço, 400 réis.

Anna de Castro Osorio

PARA AS CRIANÇAS

Contos. Cada fasciculo 60 réis. SETUBAL

COLONIAL OIL COMPANY

RUA AUGUSTA 69

LISBOA

Fornecedores do melhor petroleo do mercado Marcas do petroleo Americano «ATLANTIC» Marcas do petroleo Russo «LUZ DO SOL»

III.ªs Srs.

Desejamos acautelar o publico contra todas as imitações que agora existem no mercado, e pedimos que insistam em serem fornecidos com o petroleo das marcas acima mencionadas se desejam obter bons resultados.

Além d'isso rogamos-lhe a fineza de dirigirem todas as encomendas directamente á Companhia ou ao nosso agente do seu districto.

João da Fonseca e Sá, agente Villa Real de Santo Antonio Telegrapho Hourglass—Lisboa.

COLONIAL OIL COMPANY

Rua Augusta 69

(5981)

LISBOA

Arte de pesca. Vende-se a metade d'uma arte d'arrastar, que pesca na costa de Monte Gordo, e está matriculada em Villa Real de Santo Antonio. Quem pretender diriga-se a João da Fonseca Estola.—Tavira. (6143)

Trens para alugar. João de Jesus Pescada, participa aos seus freguezes que tem trens para alugar. Rua Direita, 32 e 34. (6129) TAVIRA

Potes de lata. Francisco Pedro Maldonado Senior, aluga ou vende 6 potes de lata com torneira e tampa de madeira, em bom estado, sendo de 70 alqueires por cada. (6072)

Vende-se uma morada de casas na rua das Capacheiras, com o n.º 17 de policia. Quem pertender dirija-se ao seu proprietário Francisco C. Gonçalves, que habita nas mesmas. (6137)

Vende-se uma morada de casas, na rua de S. Thiago, com os n.ºs 1 a 5. Quem pretender pôde dirigir-se a Pedro d'Alcantara Madeira Palermo. (6120)

Casas. Vende-se uma morada de casas, na rua de S. Lazaro, pertencente a José Pereira Ramos, residente em Faro. Trata-se com José Gonçalves da Conceição, em Tavira.

Casas. Vendem-se umas casas com cinco compartimentos, quintal e poço d'agua potavel. Trata-se com Antonio da Cruz Balté, rua Direita, n.º 114. (6133)

Armazens. Vendem-se 4 armazens, sitos na rua da Caridade, juntos ou cada um por si. Trata-se com José Maria Parreira.

Propriedade. Arrenda-se a do Poço do Alamo e o cercado no sitio de Santa Margarida de Tavira. Ou só as novidades pendentes. Trata-se com Antonio Peres Maldonado. (6128)

Carro Vende-se um e um macho, com competentes arrieiros. Trata-se com José Pedro Barros, sitio de Valongo, freguezia da Conceição de Tavira. (6131)

Carrinha. Vende-se uma de arrieiro com quatro cortinas velantes, podendo conduzir passageiros e malas de caixeiros viajantes. Quem pretender dirija-se a José da Costa Alvo. (6130) PORTIMÃO

Aluga-se uma morada de casas no sitio da Foz, na propriedade que foi de Manuel de Souza Malhado. Trata-se com o tenente Ferreira em Tavira. (6138)

Casa. Vende-se uma na rua das Cruzes, com 4 compartimentos e quintal. Quem pertender dirija-se a Luiz Gregorio Ramos. Tavira. (6136)

Musica. Homenagem a Sua Magestade Eduardo VII. — Serie de valsas para piano e banda (facil execução). Dirigir a Pereira Junior, professor de musica, rua de S. Antonio dos Capuchos, 20, R. C.—Lisboa. (6139)

Vende-se. Um carro de carga com todos os seus pertences e uma mula. Quem pertender, dirija-se a seu dono José Martins Netto Junior, morador no sitio de Santa Margarida. (6140)

JOSE Theodoro d'Almeida Coelho, antigo despachante aduaneiro em Faro, desligado completamente dos seus collegas, com os quaes mantem todavia as melhores relações d'amizade, participa aos seus freguezes, a quem se confessa deveras grato pelas suas obsequiosas attentões que continua ás suas ordens esperando como ousa esperar o mesmo favor com que o hão distinguido até agora. Agradece. (6134)

CASA DE HOSPEDES
JOÃO ANTONIO
TAVIRA
O proprietario d'esta casa continua a receber hospedes por preços modicos.

2.º ANNUNCIO
NO juizo de direito da comarca de Tavira e cartorio do 3.º officio, escriptão Reis, se procede a inventario orphanologico por fallecimento de Anna de Jesus, casada que foi com Antonio Corrêa Dourado, do sitio de Amaro Gonçalves, freguezia da Luz. E no mesmo inventario correm editos de 40 dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio, citando Faustino Costa, marido da interessada Maria dos Martyres, ausente em parte incerta no Brazil, para todos os termos até final do dito inventario, sem prejuizo do andamento d'elle.
Tavira, 28 de abril de 1903.
Verificado.—Abreu: *Abreu e Silva*
O escriptão, *Abreu e Silva*
(6142) Estevão José de Souza Reis.

ESTABELECIMENTO
Balneo-Therapico
DAS
CALDAS DE MONCHIQUE
AGUAS chloretadas sodicas-hyposulfadas, uteis no tratamento do *rheumatismo, dysmenorrhéas, neuralgias, metritis e pharyngites chronicas, dyspepsias e doenças cutaneas.*
Hydrotherapia fria e thermal sob a forma de banhos immerção, *douches*, pulverisações, banhos parciais, banhos de chuva e de vapor, etc.
Serviço medico permanente a cargo do dr. Antonio Duarte Lima Elias.
COMODIDADES: Hotéis desde 500 a 15800 réis diarios; quartos e *chatelets* mobilados desde 15200 a 305000 réis por 20 dias.
ACCESSO pela estação ferroviaria e porto maritimo de Villa Nova de Portimão, d'onde partem diariamente duas diligencias para as Caldas.
DISTRACÇÕES: Club, bilhar, jogos ao ar livre e passeios no parque.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador *Albert Stuart Torrie.*
Caldas de Monchique.

MADEIRAS
ANTONIO José Ramos, proprietario do estabelecimento de madeiras, ferragens, drogas, bagnetes, vidro em chapa, vidros de espelho, etc., etc., situado na rua da Borda d'Agua d'Aguiar, participa aos seus numerosos freguezes em especial e ao publico em geral, que acaba de receber um completo, sortimento de madeiras da Villa do Conde, de 1.ª qualidade já muito conhecida, tanto pela duração como para facilitar o desenvolvimento do trabalho, pois, resolveu vender por preços muito convidativos e sem competencia. No mesmo estabelecimento brevemente se encontrará também um completo sortimento de pranchões de flandres para vender a 145 réis por cada pé. Excedendo a compra a 5 pranchões, faz um abatimento relativo. Também vende jogos de pesos de 1 gramma a 20 kilos em ferro e metal a 35850 réis, e bem assim jogos de medidas de madeira de castanho de meio litro até 10 litros (completos) e aferidos por 15500 réis. (6074)

JOSÉ ANDRADE MASCARENHAS
Empregado no Ministerio da Fazenda
Rua da Boa Vista n.º 102-2.º
LISBOA
ENCARREGA-SE de obter das Secretarias d'Estado: liquidações de direitos de mercê, encartes, apostillas, registo de diplomas na Torre do Tombo, adiantamentos, quitações de direitos de mercê, aposentações, liquidações de contribuição de registo, arrematações de fóros nos Proprios Nacionaes e outros despachos.

FABRICA DE LICORES
SEculo XX
EM FERAGUDO
A. JUDICE & C.ª
PORTIMÃO

Impõem-se dia a dia no nosso mercado os importantes productos desta fabrica, não só pelas suas excellentes qualidades, já reconhecidas pelas principais casas consumidoras do reino, mas ainda pelos seus preços sem contestação mais baixos.
E' d'isto valiosa prova a importante compra effectuada pelos Ill. mos Srs. Jeronymo Martins & Filhos, proprietarios do primeiro estabelecimento no genero em Portugal, e em cujas montras se faz permanente exposição dos nossos variados e finos licores, convidando desta forma todos os seus numerosos freguezes e o publico em geral a reconhecer a veracidade das nossas multiplices affirmações, avaliando praticamente a nossa excellent fabricação.
E para maior honra nossa e mais segura garantia do publico consumidor, a referida casa, que conta de existencia mais de um seculo, passado na conquista dos mais altos creditos de seriedade, atesta, a quem quer que seja, que os nossos licores, muito superiores a quaesquer outros do pais, rivalisam com as melhores marcas do estrangeiro, levando-lhes espantosa vantagem no preço. (5928)

Tambem se encarrega de obeter com a maxima brevidade annuncios judiciaes e outros no *Diario do Governo.*

PETROLEO
Americano marca Atlantic, caixa 3200 Russo » Luz do Sol » 2900
Qualidade e pezo garantidos.
Pedidos a
JOÃO DA FONSECA E SA'
agente da Colonial Oil Company em VILLA REAL DE SANTO ANTONIO (6005)

CARRO FUNERARIO
O carro funerario e carro para clero, ambos puchados a parelha e competente pannos: 65000 réis.

JOÃO ANTONIO TAVIRA

MANTEIGA DE VACCA
TENDO merecido boa acceitação a nova macca de manteiga que expusémos á venda, e, para que o seu consumo possa ter o maior desenvolvimento, fizemos com o fabricante um contracto que nos habilita a fazermos o preço de 15000 réis cada kilo.
Bom discounts nas latas de 5 e 10 kilos.
JOSÉ CENTENO & C.ª
(6107) TAVIRA

MACHINAS DE COSTURA
As mais solidas e elegantes, muitissimo leves e silenciosas.
Aguilhas, oleo, peças para todas as machinas.
Garante-se os concertos feitos nesta casa.
Vendas a prestações e a dinheiro.
JOSÉ CENTENO & C.ª
(6108) TAVIRA

Officina de canteiro e esculptura
DE
José Maria Pauino Fernandes
Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;
jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.
LARGO DO CARMO
(5872) Faro

PARA AS VINHAS
SULPHATO DE COBRE 1.ª QUALIDADE
VENDE
JUSTINO A. FERREIRA
Rua Nova Grande, n.ºs 31 e 33
TAVIRA (6101)

SENHORA
SABENDO, para leccionar, desenhos, musica, piano e labores, em casa das discipulas, segundo preço convencional, offerece-se na
Rua Nova Grande 27—1.º
TAVIRA

GRANDES ARMAZENS DE MOVEIS

DE
JUSTINO A. FERREIRA

N.ºs 25, 31, 33, RUA NOVA GRANDE 37 E 53
Estes armazens acabam de receber de Lisboa e Porto, um extraordinario sortido de moveis taes como: leitos de ferro systema moderno,—em ferro e a-tão,—e outros muitos de variadissimas qualidades feitos, e preços; lavatorios em todas as qualidades e feitos, desde 700 réis a 105000 réis.
Guarnições completas para salas de visitas, saletas, casas de jantar, quartos de dormir, ditos de vestir, escriptorios, etc., etc.
Grande sortido em tapetes, alcatifas, jutas, oleados, pannos para mesas, patêres, embraces, galerias e baguettes.
Tão grande é o sortido dos moveis avulso que é difficil descrevelo. Ha de tudo por preços convidativos.
Aceitam nas suas officinas todos os moveis que precisem ser concertados ou polidos.
TAVIRA (6034)

AO AGRICULTOR E AO INDUSTRIAL
DEPOSITO AGRICOLA
E DE

MATERIAL PARA FABRICAS DE CONSERVAS
ALFARROBA, AMENDO A E FIGO
ADUBOS SIMPLES E COMPOSTOS, para todas as culturas e terrenos
SULFATO DE COBRE, 98/99 % d'oxydo de cobre
SULFATO DE FERRO
ENXOFRE BRANDRAM, 1.ª, em barricas
ENXOFRE AMARELLO, moído, de 1.ª qualidade
ENXOFRE CUPRICO, 8/10 % de sulfato de cobre
PULVERISADORES, ENXOFRADORES e todos os instrumentos para tratamento das vinhas, etc.
TESOURAS DE VENDIMA, GADANHOS PARA UVA,
PRENSAS Mabile e Piquet, ESMAGADORES Gaillot, PESA mostos,
TUBOS DE BORRACHA E MANGUEIRAS DE LONA
CHARRUAS, GRADES, TARARAS, DESCAROLADORES DE MILHO, TRITURADORES DE RAÇÕES ETC.
ESTANHO EM BARRA E VERGUNHA
CHUMBO EM BARRA
COBRE EM BARRA
FOLHA DE FLANDRES

PREÇOS DE LISBOA
EM
VILLA NOVA DE PORTIMÃO
19, 23 E 25—RUA DA RIBEIRA—19, 23 E 25

Recebe pedidos e envia preços de azeites nacionaes e estrangeiros.
N. B. Como representante de varias casas commerciaes, nacionaes e estrangeiras, recebe amostras e preços de todos os productos agricolas e industriaes, para exportação, e satisfaz quaesquer encomendas.
Desde já recebe propostas de venda de alfarroba, amendo e figo.
DIBIGIR A
J. B. S. Castel-Brancu
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
19, 23 e 25—Rua da Ribeira—19, 23 e 25
PORTIMÃO (5862)